

Editorial

Em um cenário de crise que se prolonga e se aprofunda e de ataque aos trabalhadores, os artigos que compõem esta edição da revista Marx e Marxismo incidem sobre a conjuntura atual e buscam aprofundar o conhecimento teórico no âmbito do marxismo.

O artigo de Eleutério Prado, “Questionando a Macroeconomia da ‘grande recessão’” dá sequência ao artigo “Estagnação secular e o futuro do capitalismo”. Em ambos artigos Eleutério realiza uma análise crítica em uma perspectiva marxista das visões teóricas da teoria econômica sobre a crise atual. No artigo publicado nessa edição o autor discute teses de cinco economistas das mais variadas correntes teóricas – da ortodoxia neoclássica ao marxismo, passando pelo pós-keynesianismo – sobre a crise atual. Realizando uma síntese das explicações heterodoxas e marxistas para a crise, Eleutério defende que a atual crise pode ser caracterizada com uma “estagnação secular”, resultado das transformações estruturais da economia capitalista a partir de meados dos anos 1970.

Na conjuntura em que a crise se aprofunda em todas suas dimensões no Brasil, Rafael Oliveira apresenta uma crítica ao governo Lula no artigo “Dois nomes, uma ontologia: neoliberalismo e neodesenvolvimentismo no governo Lula”. O autor retoma o debate sobre o neodesenvolvimentismo do governo Lula opondo posições que o vê como uma ruptura com o neoliberalismo e as que defendem que representa uma continuidade. Rafael propõe que o debate seja feito a partir da crítica ontológica e da ruptura com o marxismo tradicional, mobilizando os elementos da crítica do valor de Postone, Kurtz e Jappe.

Um elemento característico da atual conjuntura é o avanço do capital sobre todas as atividades humanas. Nessa perspectiva, Camila Azevedo Souza oferece uma análise dos projetos educativos da organização empresarial brasileira Gife (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas) e da organização empresarial portuguesa Epis (Associação Empresários pela Inclusão Social) alicerçada no materialismo histórico. A autora conclui que os projetos empresariais de educação “sob a justificativa de um suposto capitalismo de face humanizada, contribui para a difusão da sociabilidade da direita para o social, consolidando um projeto burguês de formação humana que reafirma os modos de pensar, agir e sentir da classe dominante”.

Em “Marx contra a fantasia coaseana: uma crítica ontológica ao fundamento teórico dos mercados de carbono”, Eduardo Sá Barreto faz uma crítica as formulações que buscam reduzir as emissões de carbono através dos mercados de carbono. O autor realiza uma crítica da teoria dos ‘direitos de propriedades’ do economista Ronald Coase que fundamenta a proposta dos mercados de carbono a partir das categorias de “O Capital” de Marx. A partir dessa análise crítica o autor conclui pela “imprecisão” e “inadequação” de tais fundamentos teóricos e que “A” fantasia coaseana” desdobra sua crença no mercado autorregulador da vida econômica em uma crença nos poderes do mercado de ajustar automaticamente a própria interação metabólica entre sociedade e natureza”.

Em “El elemento subjetivo em el debate socialista: ideas psicológicas em los tiempos de las primeras dos internacionales (1864-1919)” David Pavón-Cuéllar traça um panorama das ideias psicológicas envolvida nos debates da primeira e segunda internacionais. Os marxistas clássicos segundo David, retomam as ideias psicológicas de Marx e forjam ideias originais. A análise do autor dos temas psicológicos do marxismo clássico também o levam a identificar elementos da psicanálise freudiana. O autor conclui que as incursões do marxismo clássico na psicologia têm como elemento central a determinação material do psiquismo.

O artigo de Lucas Ribeiro “Corporeidade e processo de trabalho na filosofia de Marx” apresenta uma introdução a discussão do tema da corporeidade em Marx. A partir da colocação do problema da subjetividade em Marx, o autor analisa a crítica de Marx à Hegel e indica elementos para uma teoria da subjetividade e da corporeidade em Marx a partir da análise do processo de trabalho. Segundo o autor: “É através da organicidade do processo de trabalho, especificamente por meio do processo de objetivação, centrado na corporeidade, que se produz subjetividade”.

Neste número publicamos o artigo, “Brecht e a polêmica sobre o expressionismo”, de Sérgio Carvalho, apresentado na mesa plenária “A luta libertadora da arte e da cultura” no colóquio “Marx e Marxismo 2015: insurreições, passado e presente”. Neste texto o autor revisita o que ficou conhecido como o “debate sobre o expressionismo” na década de 1930, revendo os argumentos de Lukács e Bloch e as notas pessoais de Brecht sobre a polêmica. O autor também revisita a retomada do debate na década de 1960, envolvendo Lukács e Adorno. Sérgio Carvalho traz a polêmica para os dias atuais, afirmando que nos dias de hoje “as piores previsões de Lukács sobre o irracionalismo fetichista de certa arte vanguardista se confirmam” e que “as piores previsões de Adorno sobre o realismo pseudo-humanista praticado pela indústria cultural se disseminam”. Nesse contexto Sérgio reafirma o caráter modelar do teatro dialético de Brecht.

Nessa edição publicamos a nota crítica “Sobre a “Sagrada Família”: a superação do pensamento especulativo e contemplativo em Marx e Engels” de Leonardo Gonçalves. Em um balanço da crítica de Marx e Engels à ‘crítica crítica’

de Bruno Bauer, Leonardo destaca que o caráter contemplativo da “crítica crítica” se caracteriza pela autonomização da representação e a impossibilidade de explicar fenômenos sociais. O caráter especulativo da ‘crítica crítica’, por sua vez, se caracteriza pela ausência de retorno do pensamento ao real.

Na seção “Luta e memória” publicamos o manifesto de lançamento da Frente Única Antifascista lançado em 2 de julho de 1933 no jornal “O Homem Livre”. Na apresentação do documento, escrita por Ricardo Figueiredo de Castro, é retomado o contexto da criação da Frente Única na luta contra o avanço do fascismo com a nomeação de Hitler como Chanceler da Alemanha e as ações dos integralistas no Brasil. A Frente Única reuniu um amplo espectro de organizações de esquerda: trotskistas, tenentista, socialistas, com a participação posterior do PCB. Ressaltando o papel histórico da Frente Única, Ricardo assinala que esta foi uma importante experiência na unidade das esquerdas e dificultou o avanço político do integralismo.

A foto que abre essa edição foi tirada em Leipzig, na Alemanha, e faz parte do projeto: “Experiência e ruína” (2016), de Luiza Amaral. Agradecemos a Luiza por sua foto.

O NIEP-Marx agradece ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro para a preparação desta edição.

Os Editores